

Modelo da clarificação de valores

Ramiro Marques

Expressão que designa uma metodologia de educação moral que recusa a existência de princípios éticos universais e de hierarquias de valores. O professor assume-se como um facilitador do processo de auto clarificação dos valores, evitando a formulação de juízos de valor e pondo em prática um conjunto de estratégias de ensino que ajudam o aluno a tomar consciência dos seus valores, a ser capaz de os publicitar e de agir em conformidade com eles. O modelo foi concebido, nos anos 60, na sequência da publicação do livro de Louis Raths, Merrill Harmin e Sidney Simon, intitulado **Values and Teaching**.

O modelo foi criado, nos anos 60, por Raths, Harmin e Simon e surge influenciado quer pelas teorias psicanalíticas quer pelas teorias personalistas, libertárias e não directivas, em voga no final da segunda guerra mundial. O modelo visa os seguintes objectivos: encorajar as crianças a fazerem mais escolhas e a fazê-las livremente; ajudá-las a descobrir alternativas quando confrontadas com escolhas; ajudar as crianças a pesar as alternativas reflectindo nas consequências de cada uma; encorajar as crianças a considerarem aquilo que apreciam e acarinham; dar-lhes oportunidades para afirmarem as suas escolhas; encorajá-las a actuarem, comportarem-se e viverem de acordo com as suas escolhas; ajudá-las a tomarem consciência dos comportamentos repetidos sistematicamente na sua vida. A finalidade é ajudar as crianças a clarificarem, por si próprias, aquilo a que dão valor. O professor não impõe qualquer conjunto de valores, evita dar a conhecer os seus próprios valores, recusa-se a assumir-se como um modelo ou como um adulto e apresenta-se apenas como um facilitador no processo de escolha individual. Um facilitador que ouve os outros, que se limita a perguntar sem fazer juízos de valor acerca das respostas ou dos comentários dos alunos e que procura que o outro se aceite a si próprio e garanta a sua auto-estima. A aceitação do outro tal como ele é, deve seguir-se a fase da reflexão conjunta na procura de escolhas mais ponderadas que conduzam o aluno ao auto-esclarecimento. Raths, Harmin e Simon definiram sete critérios a usar no processo de clarificação de valores: escolha livre; escolha de entre alternativas; escolha feita depois da consideração ponderada das consequências de cada alternativa; ser capaz de ser elogiado e aplaudido; ser capaz de fazer e manter afirmações em público; manifestar-se no nosso viver e comportamento, ser frequente e repetir-se ao longo do tempo. A metodologia preconizada inclui pequenos exercícios de fácil aplicação em qualquer sala de aula: coisas de que gosto de fazer; folhas de valores; incidentes; colocação

por ordem; telegramas com recomendações; brasões de armas; jogos de papéis.

No exercício "coisas de que gosto de fazer", o professor pede aos alunos que escrevam vinte coisas que gostem de fazer na vida. De seguida, pede-se aos alunos que codifiquem as respostas, colocando um R à frente de cada item que envolva risco ou um P à frente dos itens que os pais não aprovam. Feitas as codificações, o professor diz para os alunos: "complete cada uma das frases seguinte: eu aprendi que...eu fiquei surpreendido de...eu fiquei desapontado porque...eu fiquei satisfeito porque...eu compreendi que...

As folhas de valores são respostas a questões colocadas ao grupo. Exemplos de perguntas: como se manifesta a amizade? Como escolhes os teus amigos? Quais as qualidades que mais valorizas nos amigos? Devemos dizer sempre a verdade? Há algumas situações em que seja preferível ocultar a verdade?

Os incidentes são relatos de acontecimentos ocorridos na escola. Exemplos: um aluno foi apanhado a roubar. O que deverá fazer o colega que presenciou o roubo? O teu amigo pediu-te para o deixares copiar num teste. O que é que deves fazer?

No exercício "colocação por ordem", o professor pede aos alunos que hierarquizem as suas preferências de entre um conjunto de prioridades. Exemplos: compaixão, coragem, lucro pessoa, justiça, competição e caridade. De seguida, os alunos são convidados a justificarem as suas preferências.

Nos telegramas, o aluno envia uma mensagem que começa com a frase "eu recomendo-te que..." cada aluno é convidado a enviar recomendações aos seus amigos. De seguida, as recomendações são discutidas em conjunto. Os nomes das pessoas são, regra geral, ser mantidos em segredo, para que a autenticidade seja maior.

O exercício do brasão é simples. cada aluno desenha o seu brasão com seis secções. As primeiras cinco secções incluem desenhos e a sexta apenas palavras. Cada aluno desenha duas figuras, uma sobre algo que é bom e outra sobre algo em que o aluno é bom e outra sobre algo em que o aluno se quer tornar bom. De seguida, cada aluno faz um desenho sobre um valor do qual não abdica. Depois, desenha uma figura com um valor muito grato à sua família, após o que desenha algo que mostre o seu empenhamento na obtenção do êxito. Por último, cada aluno desenha algo que mostra um valor que deseja possa ser seguido por todas as pessoas. Na sexta secção, cada aluno escreve quatro palavras que gostaria que os colegas dissessem dele na sua ausência.

O modelo da clarificação de valores recusa todas as metodologias de transmissão de valores que 1) impeçam a livre escolha; 2) não concedam mais do que uma alternativa; 3) não fomentem a reflexão livre; 4) induzam o aluno a sentir vergonha de um sentimento ou de um valor; 5) impeçam os alunos de

experimentarem, no dia a dia, esse valor, incorporando-o nos seus comportamento diários.

A sequência básica do processo de clarificação de valores é a seguinte:

Começa-se por focar a atenção do aluno numa questão da vida real. O professor pode chamar a atenção para um incidente ocorrido na sala de aula ou para um acontecimento noticiado pelos "media". De seguida, o professor promove a reflexão dos alunos, abstendo-se de formular juízos de valor e assegurando-se que todos se podem expressar livremente e sem quaisquer espécies de constrangimentos. O professor manifesta uma atitude de aceitação, de compreensão e de empatia.

O processo de clarificação de valores passa, assim, por três etapas distintas: a escolha, a apreciação e a actuação. A escolha deve ser livre, incluir várias alternativas e reflexiva, em termos das consequências de cada alternativa. A apreciação deve conduzir o aluno a sentir-se feliz com a escolha e deve levar o aluno a desejar afirmar publicamente essa escolha. A actuação conduz à realização consentânea com a escolha e deve ser repetida no tempo, de forma a constituir habituação.

Central no MCV é a defesa do relativismo moral. Os valores são apenas o produto das nossas experiências pessoais e não um questão de verdadeiro ou falso. Implicam uma escolha livre, sem pressões e que, no limite, aumente o nosso bem estar e a nossa auto-estima. O modelo da clarificação de valores é simultaneamente relativista e hedonista. Assume-se como individualista, aposta na contingência e nos contextos, faz depender a escolha dos valores das histórias de vida e visa o aumento do bem estar e do prazer do indivíduo. Em última instância, todos os valores são dignos de apreços, desde que clarificados de forma livre e reflexiva pelo sujeito. Nem a escola nem a sociedade têm o direito de impor hierarquias de valores. Só o indivíduo, no uso livre da sua razão, tem legitimidade para o fazer.